

ações de conscientização linguística sobre línguas minoritárias

DANIELE EBEL¹; BERNARDO KOLLING LIMBERGER²

¹Universidade Federal de Pelotas – dani_ebel@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – limberger.bernardo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Segundo MORELLO (2015), o Brasil é um dos países que possuem a maior diversidade linguística do mundo. Antes de 1500, eram faladas centenas de línguas indígenas em nosso território; após a chegada dos portugueses, diversas populações desembarcaram no país trazendo suas línguas. Conviveram, conversaram e se miscigenam aqui povos ameríndios, americanos, africanos, europeus e asiáticos (AMARAL, MACKEDANZ, 2017). Dessa forma, o bilinguismo e o multilinguismo mostram que nossos usos linguísticos decorrem também da origem do Brasil, que se formou através dos diversos contatos linguísticos existentes.

O multilinguismo pode ocorrer, assim, em função das migrações dos povos, os quais levam consigo suas respectivas línguas. Quando eles passavam a compor o mesmo território e, com isso, a interagir, forma-se o contato linguístico (COUTO, 2009; GROSJEAN, 1982). Esse fenômeno pode ocorrer de forma natural e não se podem evitar as migrações, bem como decorre do isolamento que o povo migrado passa com relação ao seu grupo original do qual se distanciou-se. Uma das situações de bilinguismo compõe-se de línguas provenientes de comunidades que não se desvincularam da língua de seus antepassados, como, por exemplo, o pomerano.

Diante dessa configuração bilíngue/multilíngue da nossa região, o objetivo deste trabalho é apresentar ações do projeto de extensão *Ações de conscientização linguística*, que visa a promover ações de conscientização e de aprendizagem de línguas em contextos multilíngues com línguas minoritárias desprestigiadas com ênfase no pomerano. Segundo SPINASSÉ e KÄFER (2017, p. 3-4), o termo ‘conscientização linguística’ (do inglês *language awareness*) é entendido aqui, conforme a *Association of Language Awareness* (cf. GARCÍA, 2008), como “um conhecimento explícito sobre a língua, uma percepção consciente e uma sensibilidade na aprendizagem de línguas, no ensino de línguas e no uso de línguas”.

Por meio do projeto, almejamos desconstruir falsas ideias e diminuir os preconceitos sobre as variedades linguísticas e oferecer ferramentas para aprimorar o processo de aprendizagem de línguas, como vocabulário, gramática, pronúncia, cultura, tradução. Por tal motivo, sugere-se que práticas de conscientização linguística, juntamente com ensino de competências, sejam um componente essencial para a educação bilíngue/multilíngue. Dessa forma, acredita-se que o aprendiz de línguas adicionais ou o falante de uma língua minoritária possa obter condições de reconhecer e respeitar que várias línguas possam coexistir e estar aberto à aprendizagem de novas línguas (ALTENHOFEN; BROCH, 2011).

Acreditamos que toda educação linguística deveria promover essas ações, a fim de desconstruir mitos e preconceitos. Segundo BAGNO e RANGEL (2005, p. 63), dos saberes linguísticos, “também fazem parte as crenças, superstições, representações, mitos e preconceitos que circulam na sociedade em torno da língua/linguagem e que compõem o que se poderia chamar de imaginário linguístico ou, sob outra ótica, de ideologia linguística”. Segundo o autor, em uma aula de língua,

o professor deve dar liberdade para o aluno conversar sobre sua língua materna (referindo-se às línguas minoritárias) ou sobre alguma língua adicional, tanto separadamente quanto, e especialmente, sobre a relação que possa existir entre elas.

2. METODOLOGIA

No projeto, aplicamos oficinas em salas de aula com alunos e professores. As oficinas consistem em abordar, de forma bem simples e didática, vários conceitos de Linguística, como, por exemplo: a definição de multilinguismo, bilinguismo, línguas minoritárias, bem como a distinção entre língua e dialeto. A ideia é que os alunos captem alguma informação e repassem a seus familiares.

Na sala de aula, os alunos são divididos em grupos de 4 ou 5 alunos, conforme o tamanho da turma. Eles devem escolher um nome para caracterizar o seu grupo, usando o nome de uma língua. Após cada tema trabalhado com a turma, são realizadas tarefas para que eles assimilem de uma forma descontraída ainda mais o tema, como no exemplo abaixo. A figura 1 mostra a tarefa na qual eles tentam adivinhar quantas línguas são faladas no mundo, o grupo que chegar mais próximo do número 7.111 pontua. No final das tarefas, o grupo que fizer a maior pontuação recebe um brinde.

Figura 1 – Exemplo de tarefa aplicada nas oficinas de conscientização linguística



Fonte: Eberhard, Simons e Fennig (2019). Adaptação

Para expandir as ações a mais escolas, a equipe entra em contato prévio com professores de línguas e/ou com a direção e agenda oficinas de acordo com o interesse e a disponibilidade. Preferencialmente, ocorrem oficinas com os alunos das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, podendo ser adaptadas para outros níveis e outros perfis. Desenvolvemos oficinas específicas para cada grupo linguístico (comunidades hunsriqueanas, pomeranas, de aprendizagem de língua adicional e demais comunidades interessadas).

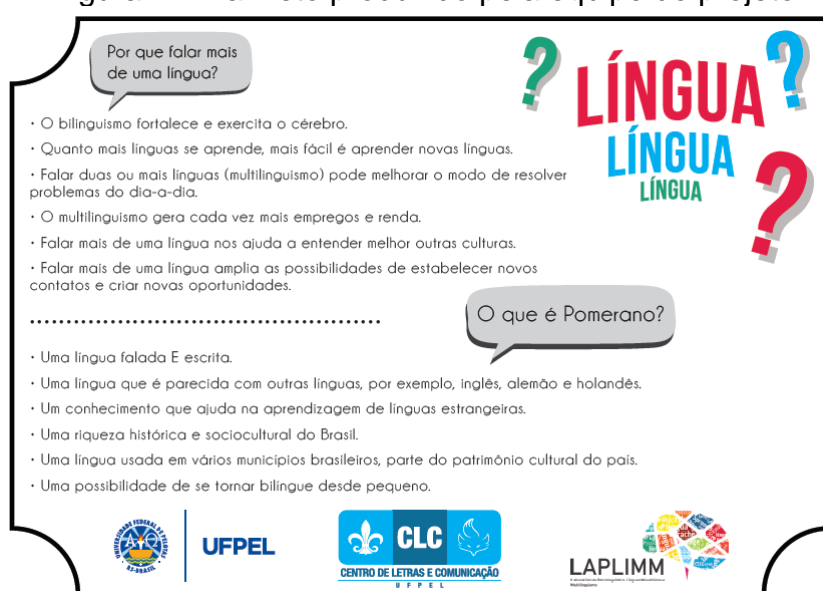
As oficinas estão sendo aplicadas nas cidades de Pelotas, Turuçu, São Lourenço do Sul e outras cidades próximas, onde há uma rica diversidade linguística. As oficinas são baseadas na teoria sobre conscientização linguística (ALTENHOFEN; BROCH, 2011; GARCÍA, 2008), sobre línguas minoritárias (BAGNO; RANGEL, 2005; JAMES, 1996) e multilinguismo (COUTO, 2009; GROSJEAN, 1982) e em relatos práticos (SPINASSÉ; KÄFER, 2017).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio das oficinas, esperamos que os alunos consigam enxergar a importância da aprendizagem e a valorização das línguas faladas em sua comunidade. Esperamos que os alunos das escolas adquiram uma percepção consciente e sensível da aprendizagem e do uso das línguas envolvidas na sua comunidade. Dessa maneira, os alunos têm outra visão e mais conhecimento sobre o assunto, sem ter constrangimento em dizer que falam um língua minoritária.

Estamos produzindo também materiais autoexplicativos (por exemplo, panfletos, adesivos e um blog) que objetivam conscientizar alunos, pais e comunidade em geral sobre variedades linguísticas. Almejamos, ainda, preparar materiais de registro das línguas minoritárias. Abaixo (Figura 2), expomos um panfleto produzido pela nossa equipe, que está sendo distribuído em comunidades falantes de pomerano.

Figura 2 – Panfleto produzido pela equipe do projeto



Estamos cientes de que não podemos mudar crenças enraizadas na sociedade tão facilmente. No entanto, por meio das ações, se mudarmos uma ideia individual, já nos sentimos satisfeitos. Como exemplo, percebemos que algumas pessoas já estão mudando a ideia sobre o pomerano, ou seja, estão dando um *status* mais elevado a essa língua. A crença de que o pomerano não é uma língua, é um dialeto (ou seja, algo inferior, sem escrita e sem utilidade) está sendo desconstruída. Também com relação ao pomerano, algumas pessoas têm vergonha de falar em público a sua própria língua materna ou falar português, por acharem que sempre falam erroneamente e/ou por traumas na escola. Esses fatos ainda acontecem, mas não com tanta frequência, pois as pessoas estão aprendendo a dar mais valor ao pomerano. Como Spinassé e Käfer (2017) perceberam, os aprendizes necessitam, muitas vezes, apenas de um primeiro estímulo para construir uma atitude positiva em relação à sua língua materna ou às línguas da sua comunidade.

4. CONCLUSÕES

Pode-se concluir que o projeto propõe e apresenta meios que ajudam o aluno frente à diversidade linguística, como no caso as línguas minoritárias. Além disso,

estimula os alunos para a usarem a sua língua materna ou as línguas de sua comunidade.

O projeto visa a auxiliar para formação de uma conscientização linguística que se direciona às línguas de cultura local, para alcançar o aprendizado de outras línguas que despertam interesse. Nota-se também a relevância de englobar a comunidade nessas iniciativas, mesmo indiretamente através da reflexão nas famílias. O projeto está aberto a outras contribuições, para expandirmos as nossas ações.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTENHOFEN, C. V.; BROCH, I. K. Fundamentos para uma “pedagogia do plurilinguismo” baseada no modelo de conscientização linguística (*language awareness*). In: BEHARES, Luis (org.). V ENCUENTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGADORES DE POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS. Montevideo: Universidad de la República e Asociación de Universidades Grupo Montevideo / Núcleo Educación para la Integración, 2011, p. 15-22.

AMARAL, L. I. C.; MACKEDANZ, D. O bilinguismo pomerano e português na Serra dos Tapes, RS, como característica sociocultural. **Organon**. v. 32, n. 62, p. 57-78, 2017.

BAGNO, M.; RANGEL, E. O. Tarefas da educação linguística no Brasil. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v. 5, n. 1, p. 63-81, 2005.

COUTO, H. H. Conceituando contato de línguas. In: COUTO, H. H. **Linguística, ecologia e ecolinguística** - Contato de línguas. São Paulo: Contexto, 2009. p. 49-60.

EBERHARD, David M.; SIMONS, Gary F.; FENNIG, Charles D. (eds.). 2019. **Ethnologue: Languages of the World**. Twenty-second edition. Dallas, Texas: SIL International. Disponível em: <http://www.ethnologue.com>. Acesso em: 13 set. 2019.

GARCÍA, O. **Multilingual language awareness and teacher education**. In: CENOZ, J.; HORNBERGER, N. (Eds.). *Encyclopedia of Language and Education*. 2. ed. Vol. 6. Knowledge about Language. New York: Springer Science, 2008. p. 385-400.

GROSJEAN, F. **Life with two languages**. An introduction to Bilingualism. England: Harvard University Press, 1982.

JAMES, C. A cross-linguistic approach to language awareness. **Language Awareness**, v. 5, p. 138–148, 1996.

MORELLO, R. (org.). Leis e línguas no Brasil. **O processo de cooficialização e suas potencialidades**. Florianópolis: IPOL: Nova Letra, 2015.

SPINASSÉ, K. P.; KÄFER, M. L. A conscientização linguística e a didática do multilinguismo em contextos de contato português Hunsrückisch. **Gragoatá**, Niterói, v. 22, n. 42, p. 393-415, 2017.